

ENCONTRO COM A COMUNIDADE AÇORIANA EM SAN DIEGO, NO ÂMBITO DA VISITA OFICIAL À CALIFÓRNIA

San Diego, 15 de fevereiro de 2019

Transcrição da intervenção do Presidente do Governo Regional dos Açores, Vasco Cordeiro

Nesta viagem à Califórnia dei por mim muitas vezes, nestas circunstâncias, a pensar se todos aqueles que aqui estão têm consciência daquilo que verdadeiramente representam.

É um pensamento que me emociona, não apenas como Presidente do Governo, mas como Açoriano. Quando nos encontramos todos nos salões do Espírito Santo ou noutros locais em que se celebra e se comemora os Açores, não estamos apenas a falar de um grupo de pessoas que se encontrou com o pretexto de que há um visitante, mais ou menos ilustre, que vem dos Açores. Estamos a falar de pessoas que carregam consigo uma história extraordinária.

Gostava que todos tivessem consciência disso. Já tive oportunidade de visitar algumas das comunidades açorianas espalhadas pelo mundo. Tive oportunidade de estar no Canadá, aqui nos Estados Unidos, na costa leste, agora na costa do Pacífico, no Brasil também, e há uma nota comum a todas estas histórias. Elas têm uma nota de heroísmo, uma nota de grande ambição, como também aqui em San Diego. Naquela que é a comunidade portuguesa e açoriana em San Diego percebe-se bem, se pensarmos um bocadinho, essa nota de heroísmo.

Vamos recuar mais de 100 anos. Imaginem o que é sair daqueles que eram então os Açores, não conhecer a língua, não conhecer o país, muitas vezes não conhecer ninguém e aventurar-se assim, primeiro atravessar o mar e depois aventurar-se por terra dentro num país que era completamente estranho. Pensem só em quantas lágrimas não devem ter sido derramadas de saudade, de receio, e a quantos sonhos essa gente teve que se agarrar para conseguir ultrapassar isto tudo.

Como Presidente do Governo dos Açores, só me resta prestar homenagem a essa história e prestar homenagem àqueles que hoje representam esse caminho de determinação, de ambição, de persistência, de teimosia.

E quem representa esse caminho são todos vós que aqui estão. Essa é a vossa grande responsabilidade, em especial a grande responsabilidade dos mais novos, da juventude, de perceber essa história magnífica feita, podemos dizer assim, de sangue, suor e lágrimas, aqui nas terras da Califórnia.

Tenho pena de não ter sido possível encontrar a senhora Cônsul Geral de Portugal em San Francisco, nesta deslocação. Tenho pena porque julgo que esta visita e que todo este contacto e este calor que eu senti ao longo desta deslocação, permitia, se não ensinar, pelos menos confirmar aquilo que certamente ela já sabe: esta história não se pode resumir a uma questão de burocracia ou de burocracias.

Essa história que se vive aqui em San Diego, como se vive em Artesia, como se vive em Fresno, como se vive por tantos e tantos locais dos Estados Unidos e não só, é uma história com gente dentro, é uma história com gente que sentiu e que sente esta ligação, muitas vezes indiscutível, de não se perceber bem por que razão é que, ainda hoje, a terceira e a quarta geração dizem que vão voltar para trás, à sua terra, que são os Açores. Querem ir visitar a sua terra, que são os Açores.

Isso só se justifica por uma ligação muito mais profunda, muito mais forte, muito mais sólida, que se baseia, exatamente, na afeição, no sentimento, se calhar baseia-se naquilo que uma música do folclore açoriano traduz tão bem, que é esta ausência que se sente não percebendo bem porquê e, como diz essa música do folclore açoriano, a “ausência tem uma filha que se chama saudade”.

É isso também que aqui se vive e que se tem vivido por todos estes locais por onde eu tenho passado. Os homens e as mulheres que estão aqui nesta sala e, para além dos homens e das mulheres que estão aqui nesta sala, aqueles que, em igualdade de circunstâncias, mas que não podem aqui estar, representam algo de muito importante: representam, não apenas um trajeto e um percurso feito por emigrantes açorianos, e não só, mas são também a garantia de um futuro na relação entre os Açores e a diáspora.

Porque a melhor forma, permitam-me a ousadia de partilhar isto convosco, a melhor forma de homenagear aqueles que chegaram aqui apenas com sonhos no bolso, com apenas esperança no bolso, não é olharmos para trás, não é apenas olhar para aquilo que eles conseguiram fazer. A melhor forma de os homenagear é olharmos para a frente e olharmos sobre que é que hoje nós podemos e queremos fazer para os homenagear, honrar e manter forte essa ligação.

Este é um dos grandes desafios com que a relação dos Açores com a sua diáspora está confrontada. Como é que nós podemos olhar para o futuro e convocar todos aqueles que sentem essa ligação com a sua terra natal, ou com a terra natal dos seus avós, bisavós, trisavós, tetra-avós, como é que hoje nós conseguimos por essa relação a funcionar no sentido de servir ambas as comunidades.

Porque há algo que também não nos podemos esquecer. Os Açores de hoje não são os Açores de há 100 ou 200 anos. San Diego de hoje não é San Diego de há 100 ou 200 anos.

Hoje temos na nossa Região novas oportunidades, novas possibilidades de rentabilizar essa relação e esse é o desafio que aqui vos deixo, um desafio que se traduz na forma como vamos homenagear e honrar o espírito aventureiro, obstinado, persistente, mas, sobretudo, o espírito vencedor daqueles que aqui chegaram pela primeira vez, vindos dos Açores e de outras partes do nosso país.

Muito obrigado pela vossa atenção.